

## O cristianismo e a filosofia grega

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela  
Universidade Federal de Mato Grosso.

Justino Romano, pensador cristão do século primeiro, ao estabelecer a sua doutrina sobre o Logos, dizia serem os filósofos antigos *cristãos antes de Cristo*<sup>1</sup>. De fato, segundo o *Evangelho de João*, Cristo é o *Logos feito carne*.<sup>2</sup> Ora, o que Platão e todos os filósofos gregos buscaram com mais afincos, senão o *Logos*?<sup>3</sup> Ora bem, de acordo com Justino, cada um destes filósofos, conquanto não tenham encontrado o *Logos total*, visto que discordavam entre si, encontraram, decerto, um *germe* do Logos.<sup>4</sup>

Agora bem, visto ser Cristo o próprio Logos, todos estes filósofos (Sócrates, Platão, os estóicos) ao buscarem o Logos, buscaram a Cristo, e, ao encontrarem o Logos, na medida em que o encontraram, consequentemente encontraram a Cristo<sup>5</sup>. Logo, foram, de certa forma, *cristãos antes de Cristo*. Agostinho confessava ver em Platão e no *neoplatonismo*, um *cristianismo em potencial*, como fica evidenciado nesta passagem emblemática das *Confissões*, que vale a pena transcrever na íntegra:

(...) alguns livros platônicos, traduzidos do grego em latim. Neles li, não com estas mesmas palavras, mas provado com muitos e numerosos argumentos, que ao princípio era o Verbo e o Verbo existia em Deus e Deus era o Verbo: e este, no princípio, existia em Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada foi criado. O que

<sup>1</sup> BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000. p.30: “(...) Sendo que antigos filósofos, além de participarem do mesmo Logos, compartilharam também o destino doloroso dos cristãos, podemos com razão denominá-los cristãos antes de Cristo (...)”.

<sup>2</sup> João 1, 14: “(...) E o Logos (Cristo) se fez carne e habitou entre nós (...)” (parêntese é nosso).

<sup>3</sup> JUSTINO. *Apol.* II, 10. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000. p. 29: “‘Pois, tudo quanto os filósofos e legisladores descobriram e proclamaram de acertado: todos esses conhecimentos e descobertas eles o conquistaram trabalhosamente, na medida em que tiveram parte no Logos’. Ao número destes filósofos pertencem Sócrates, Platão e os estóicos, pelos quais Justino tem sincera admiração (...)”.

<sup>4</sup> BOEHNER, GILSON. *Op. Cit.* p. 30: “Os filósofos não possuíram o Logos total, pois é inegável que discordam uns dos outros. O que só era possível porque cada um deles não possuía senão uma parte do Logos, e falava de acordo com ela. Para designar este Logos parcial, comunicado aos filósofos, Justino serve-se de uma expressão dos estóicos: Trata-se de um ‘germe’ ou de uma semente do Logos (...)”.

<sup>5</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 31: “Ninguém creu em Sócrates a ponto de dar a vida pela sua doutrina. Quanto a Cristo, porém, a quem Sócrates já conheceu em parte (...)”.

foi feito, n'Ele é vida, e a vida era a luz dos homens e as trevas não a compreenderam (...) Do mesmo modo, li neste lugar, que o Verbo de Deus não nasceu da carne e do sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus (...) Descobri naqueles escritos, expresso de muitos e variados modos, que o Filho, 'existindo com a forma do Pai, não considerou como usurpação ser igual a Deus', porque o é por natureza (...) Lá encontrei 'que o vosso filho Unigênito, eterno como Vós, permanece imutável antes de todos os séculos e sobre todos os séculos, que, para serem bem-aventuradas, todas as almas recebem da sua plenitude, e que, para serem sábias, são renovadas pela participação da Sabedoria que permanece em si mesma' (...) Por isso lia também aí que transformaram a imutável glória da vossa incorruptibilidade em ídolos e estátuas de toda espécie, à semelhança de imagem do homem corruptível, das aves, dos animais e das serpentes, ou seja, o alimento dos egípcios, pelo qual Esaú perdeu o direito de primogenitura.<sup>6</sup>

Ora bem, Friedrich Nietzsche, profeta da morte de Deus no século XIX, considerava a história da filosofia como sendo a história do platonismo.<sup>7</sup> O mesmo dizia o filósofo alemão Martin Heidegger, já coetâneo a nós. Com efeito, também para Heidegger o pensamento de Platão é a marca determinante de toda a história da filosofia. Ainda que com nuances diversas nos diferentes autores e períodos, a metafísica é Platão<sup>8</sup> e a "Filosofia é metafísica"<sup>9</sup>. Logo, Platão é a filosofia.

Agora bem, para Nietzsche, o próprio cristianismo é um *platonismo para o povo*.<sup>10</sup> Ora, o interessante em tudo isso é que, muitos séculos depois de Justino e Agostinho, já na Idade Contemporânea, Frederich Nietzsche, ferrenho crítico do cristianismo<sup>11</sup> e da própria

---

<sup>6</sup> AGOSTINHO. **Confissões** Trad Angelo Ricci. São Paulo: Abril Cultural, 1980. VII, 9, 13 a 15.

<sup>7</sup> MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade. III Verdade e Valor**. Cap. 3. n.19: "É preciso não esquecer que para Nietzsche a história da filosofia é a história do platonismo (...)"

<sup>8</sup> HEIDEGGER. **O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento**. I. In: **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 2000: "Através de toda a História da Filosofia, o pensamento de Platão, ainda que em diferentes figuras, permanece dominante. A metafísica é platonismo."

<sup>9</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>10</sup> MACHADO, Roberto. *Op. Cit.* Cap. 3. n.19 "(...) e que o cristianismo é um platonismo para o povo".

<sup>11</sup> NIETZSCHE. **O Anticristo**, sc 62 In: MARTON, Scarlett. **Nietzsche. Uma Filosofia a Marteladas**. São Paulo: Brasiliense, 1983. Col. Encanto Radical -11.93: "Chego à conclusão e enuncio o meu veredicto. Eu condeno o cristianismo, levanto contra a Igreja cristã a mais terrível acusação que um acusador já pronunciou. Para mim, ela é a pior das corrupções concebíveis; com consciência; quis o cúmulo da pior corrupção possível (...)" ; "Essa eterna acusação ao cristianismo, quero escrevê-la em todos os muros, em toda parte onde houver muros - para tanto, letras que devolveriam visão aos cegos (...) Chamo o cristianismo a única grande maldição, a única grande depravação íntima, o único grande instinto de vingança, para quem nenhum meio é suficientemente venenoso, secreto, subterrâneo, mesquinho - eu chamo o único flagelo imortal da humanidade (...) Dizer que se mede o tempo a partir do dies nefatus que marcou o início dessa calamidade a partir do primeiro dia do cristianismo! (...)".

filosofia platônica<sup>12</sup>, tenha defendido a mesma tese, se bem que com uma finalidade diversa, a saber, que *Platão fora cristão antes de Cristo*.<sup>13</sup>

Agora bem, diziam os humanistas e renascentistas bem como o racionalismo depois de Descartes que os pensadores cristãos haviam deturpado a filosofia grega, cristianizando-a. Onde, para estes era mister um renascimento da autêntica filosofia grega, sem as “deturpações” que, segundo eles, a filosofia cristã havia introduzido nela. Ora, de acordo com os adeptos desta corrente, Agostinho, arbitrariamente havia cristianizado Platão; Tomás de Aquino, batizado a Aristóteles, e assim por diante.<sup>14</sup>

Entretanto, segundo Justino e Nietzsche, não foi Agostinho que cristianizou Platão, mas Platão é que foi *cristão antes de Cristo*. E nesta mesma medida, não foi Tomás que cristianizou Aristóteles, Aristóteles é que foi cristão, porquanto buscou a Cristo enquanto buscava o Logos, antes de Cristo. O cristianismo, num sentido positivo em Justino e num sentido negativo em Nietzsche, não deturpou, antes, deu continuidade à tradição filosófica grega, dando-lhe, de algum modo, pleno cumprimento.

Heidegger aponta, com precisão, para o fato de que a ontologia grega não precisou esperar pelo cristianismo para se tornar teológica, pois ela mesma já nasceu com um caráter teológico. Aliás, foi exatamente esta raiz teológica da ontologia grega, que possibilitou, por parte do pensamento cristão, a apropriação dela.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> NIETZSCHE. **Crepúsculo dos Ídolos**, sc 2. In: **Obras incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 2000: “(...) Para que o diálogo platônico, essa espécie de dialética assustadoramente autocomplacente e infantil, possa ter um efeito de atrativo, é preciso nunca ter lido os bons franceses - Fontenelle, por exemplo. Platão é enfadonho (...)”.

<sup>13</sup> NIETZSCHE. **Crepúsculo dos Ídolos**, sc 2. In: NIETZSCHE. **Obras incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 2000: “-Por último, minha desconfiança, com Platão, vai até o fundo: acho-o tão extraviado de todos os instintos fundamentais dos helenos, tão moralizado, tão preexistentemente cristão (...)”; *Idem*. **Gaia Ciência**, sc 344. In: **Obras incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 2000: “(...) que também nós, conhecedores de hoje, nós os sem Deus e os antimetafísicos, também nosso fogo, nós o tiramos ainda da fogueira que uma crença milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também a crença de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina (...)”.

<sup>14</sup> GARIN. In: REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Humanismo a Kant**. 5ªed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 28: “Assim, o Renascimento representou um grande fenômeno espiritual de ‘regeneração’ e ‘reforma’, no qual o retorno aos antigos significou revivescência das origens, ‘retorno aos princípios’, ou seja, retorno ao autêntico.” Reale distingue ainda o estilo da leitura que os humanistas fizeram dos antigos da dos medievais da seguinte forma: REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Humanismo a Kant**. 5ªed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 21: “Os humanistas verdadeiramente descobriram os antigos, fossem eles Virgílio ou Aristóteles, apesar de conhecidíssimos na Idade Média. E isso porque restituíram Virgílio ao seu tempo e ao seu mundo e procuraram explicar Aristóteles no âmbito dos problemas e dos conhecimentos da Atenas do século IV antes de Cristo.”

<sup>15</sup> HEIDEGGER **O Retorno ao Fundamento da Metafísica**. p. 85. In: **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 2000: “O caráter teológico da ontologia não reside, assim, no fato de a metafísica grega ter sido assumida mais tarde pela teologia eclesial do cristianismo e ter sido por ela transformada. O caráter teológico da ontologia se funda, muito antes, na maneira como, desde a Antiguidade, o

Neste sentido, podemos dizer que, de certa forma, quem deturpou a filosofia grega, foram os humanistas e renascentistas, bem como boa parte da filosofia moderna, e isto quando dela tentaram separar a fé cristã. Com efeito, partindo destes pressupostos, o humanismo e a renascença é que constituem um período de obscurantismo e ruptura em relação à continuidade da tradição filosófica. Foram eles, e não tanto os medievais, que nos afastaram do autêntico pensamento grego e de uma possível evolução em consonância com este.

Destarte, a filosofia, tal como foi entendida na sua origem por Sócrates, Platão e Aristóteles, realiza-se e se cumpre plenamente no cristianismo. A filosofia, tal como foi concebida nas suas origens gregas, só é autêntica e completa quando é cristã, ou seja, quando não contradiz a fé cristã.<sup>16</sup>

De fato, não podemos, a menos que com isso traíamos a origem da filosofia, separá-la do cristianismo, separá-la da fé. Os escolásticos foram, sem dúvida, os mais autênticos herdeiros da filosofia grega. O período da renascença e posteriormente o moderno, é que se apresentam, no tocante à fidelidade ao pensamento grego, como um período de trevas. Ademais, a noção de que a modernidade (especificamente o iluminismo) foi, de algum modo, um período de obscurantismo não é estranha sequer a Nietzsche, pois ele mesmo chamou o “século das luzes” de “século do delírio”.<sup>17</sup>

Com efeito, a modernidade quis esquivar-se da tradição a qual pertencia. Quis olvidar que fora precedida por um período chamado Idade Média, ao qual devia muito dos seus conhecimentos e pressupostos. Sem embargo, com esta atitude hostil, rompeu com uma tradição intelectual de milênios.

Ora, será que a Idade Média foi realmente a Idade das trevas? Será que a fé verdadeiramente só contaminou a filosofia? Podemos falar de uma suposta purificação do pensamento grego, ocorrida com o nascimento da modernidade e com a separação cartesiana entre fé e razão? Qual será, enfim, a relação existente entre fé e razão na modernidade? São perguntas que, ao se porem diante de nós, não podem mais ser ignoradas e devem ser encaradas sem preconceitos, pois disto depende toda a história do pensamento ocidental.

ente chega ao desvelamento enquanto ente. Este desvelamento do ente foi que propiciou a possibilidade de a teologia cristã se apoderar da filosofia grega.”

<sup>16</sup> BOEHNER, GILSON. *Op. Cit.* p.30: “(...) Como a semente está para o fruto maduro, assim o germe do Logos dado aos pagãos está para o Logos integral manifestado em Cristo (...); *Idem, Op. Cit.*: “(...) A Comunidade cristã, formada pela participação, quer parcial, quer total, no mesmo Logos, existiu pois em todo o curso da História. Destarte a história da filosofia vai ter, muito naturalmente, na história do cristianismo (...)”.

<sup>17</sup> NIETZSCHE. *Aurora*. Prefácio, sc 3. In: **Obras incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000: “Kant era, justamente com um tal propósito delirante, o bom filho do seu século, que mais que qualquer outro pode ser denominado o século do delírio (...)”

## **BIBLIOGRAFIA**

AGOSTINHO. **Confissões** Trad Angelo Ricci. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000.

GARIN. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Humanismo a Kant**. 5ªed. São Paulo: Paulus, 1991.

HEIDEGGER. **O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento**. In: **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Retorno ao Fundamento da Metafísica**. In: **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

JUSTINO. **Apol. II**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MARTON, Scarlett. Nietzsche. **Uma Filosofia a Marteladas**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NIETZSCHE. **O Anticristo**. In: MARTON, Scarlett. Nietzsche. **Uma Filosofia a Marteladas**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **Aurora**. Prefácio. In: **Obras incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos**. In: **Obras incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

\_\_\_\_\_. **Gaia Ciência**. In: **Obras incompletas**. Trad Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Humanismo a Kant**. 5ªed.

São Paulo: Paulus, 1991.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.